

Parceria:

99

ESTADÃO 
expresso

NA

PERIFA

SÃO PAULO
SEXTA-FEIRA, 7 DE
JANEIRO DE 2022

expressonaperifa.com.br

Grafite do artista
Robinho Santana
para uma parede da
Fábrica de Cultura
de Diadema

ARTE URBANA

NA RUA, NA QUEBRADA, NAS PAREDES

Nesta edição, a periferia mostra suas cores e a expressão visual (que salta aos olhos) amplifica a voz das comunidades. Veja exemplos de grafite e lambe-lambe e conheça a favela paulistana que é galeria a céu aberto

PÁGS. 2 a 5

Robinho Santana

O passeio na Favela Galeria, zona leste de São Paulo, começa na Rua Archângelo Archina, 587. Dá para agendar visitas monitoradas por email e nas redes sociais: linktr.ee/favelagaleria

ARTE URBANA

TÁ EXPRESSA NA PERIFERIA

Galeria, lambe-lambe, favela grafitada, muro de casa, parede de escola. Veja exemplos de obras visuais que se apropriam da arquitetura improvisada das cidades e interagem com a população. Essas intervenções artísticas são importantes, porque transformam paisagens e passam mensagens de identidade, representatividade e justiça social a todo mundo que estiver a fim de ver, ouvir e falar

SUDESTE (SÃO PAULO)

FAVELA GALERIA

Quem anda pela Vila Flávia “respira arte” em fachadas, portões e postes grafitados. O que leva cor ao lugar é o projeto Favela Galeria, que pinta ao ar livre cenas do cotidiano, como uma menina de fralda, outra de cabelo crespo sorrindo e a mulher negra com capacete na cabeça. Cerca de 300 obras fazem da arquitetura da comunidade uma tela agigantada. Isso dá uns quatro ou cinco quilômetros de grafite. A Vila Flávia fica em São Mateus, no extremo leste da cidade de São Paulo.

Os artistas costumam dizer que os muros da favela falam. Gleyson Klein, um dos responsáveis pelo projeto, conta que o Favela Galeria existe e foi criado (também) na intenção de combater estereótipos. “Nas nossas comunidades não existe apenas crime, bar e igrejas. Existe também a influência da arte, algo primordial para nossas crianças e a juventude”, afirma. O objetivo é gerar impacto, ecoar olhares diferentes para a própria existência e resgatar a autoestima dos moradores, entre eles jovens grafiteiros que começam a se expressar nas vielas, nos arredores dos córregos, nos muros da região.

Em São Paulo, o destaque é o movimento Favela Galeria, de São Mateus. Cenas cotidianas e moradores são retratados nos muros do bairro da zona leste



Luan Kaili/Expresso na Periferia





Hugo Leo Lourenço/Divulgação

NORTE (BELÉM)**MULHERES DE RUA PARÁ**

Contemplado em edital da Lei Aldir Blanc em 2020, o projeto Artitudes Femininas coloriu muitos muros de Belém como estes, no Benguí. A iniciativa é do Mulheres de Rua Pará, uma organização que valoriza as grafiteiras da capital e de outras regiões do Estado, abrindo espaço e promovendo o reconhecimento. “Nossa satisfação é a recíproca da quebrada, umas risadas e a troca de ideias noite afora. Somos felizes com cores e valores”, diz a grafiteira Mina Ribeirinha, integrante do coletivo e autora de vários murais do Artitudes.



Eliza Barbosa/Expresso na Perifa



Muros e negros. Além da homenagem a Cruz e Souza, o projeto Negro Muro já fez mais de 20 grafites de personalidades negras. Uma delas é a cantora Elza Soares. Fica na Rua da Pátria em Água Santa, bairro de juventude da artista

SUDESTE (RIO DE JANEIRO)**NEGRO MURO**

A Rua Cruz e Souza tem esse nome em homenagem ao poeta do simbolismo Cruz e Sousa (1861-1898). Ele morou ali, no bairro do Encantado, zona norte do Rio de Janeiro. Além de ser uma das poucas vias do Brasil que celebram em seu logradouro uma personalidade negra, o local ganhou um grafite do poeta e jornalista. O mural foi idealizado pelo projeto Negro Muro em parceria com o coletivo Engenhos de Histórias. Filho de negros escravizados, Cisne Negro, como também era conhecido, foi o principal nome do movimento literário simbolismo no Brasil. Publicou diversos livros e como jornalista dirigiu o jornal abolicionista *A Tribuna Popular*.

O projeto Negro Muro usa a arte urbana para aumentar, nas paredes do Rio e da região metropolitana, a representatividade de pessoas negras. No grafite, o artista Fernando Sawaya, o Cazé, e o produtor cultural Pedro Rajão fazem o resgate histórico e mantêm viva a memória social de personalidades dos próprios territórios. Segundo Rajão, o projeto é fundamental porque racializa a discussão da memória no Brasil. “Queremos evidenciar a cultura africana e os filhos, netos e bisnetos de africanos que nasceram no Brasil e ajudaram a construir nossa identidade e a cultura do maior país negro fora da África”, explica.

OUTRAS PARADAS

Anderson Sousa. Gaspar tem grafites na capital, na região metropolitana e em outros estados, a exemplo de São Paulo e Maranhão. O da foto fica perto da Vila da Barca



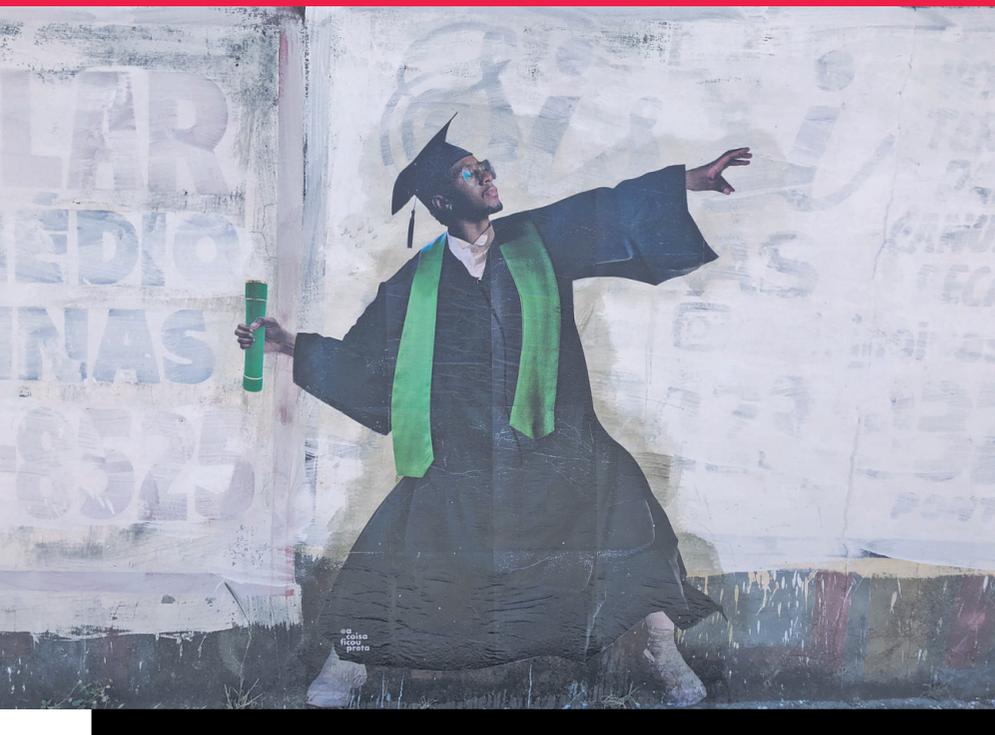
Studio TAG. O espaço de tatuagem, oficinas e exposições, no Telégrafo, procura valorizar a identidade periférica e tem galeria de grafite



Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle. Jovens grafiteiros da Terra Firme, do grupo PeriferArt, pintaram o muro para fortalecer os laços da comunidade com o colégio



Matinta. No bairro Fátima, o hip-hop está expresso na música e no grafite, bem como nas atividades que vão de mutirão de pintura a feirinhas, exposições e shows



Divulgação/A Coisa Ficou Preta

NORDESTE (MACEIÓ)

A COISA FICOU PRETA

A pessoa negra segura o diploma, o garoto sorri na janela com vista para o mar, a menina leva o feminismo negro para a escola, o cartaz pergunta: “as pessoas negras ao seu redor estão se divertindo ou trabalhando?” Imagens como essas, coladas nas regiões altas e baixas de Maceió (AL), são o que o artista e publicitário alagoano Gleyson Borges chama de “intervenções pretas nos muros brancos”. Autor do projeto lambe-lambe A Coisa Ficou Preta, que tem mais de 30 mil seguidores no Instagram, Gleyson faz um trabalho afirmativo da identidade preta. Ele próprio conta que começou a se reconhecer numa manifestação artística, o rap. “Não era só uma batida maneira. Era música escrita e cantada por pretos. Me percebi, me vi, me aceitei, sou preto.”



Um dos objetivos do grafite é interferir na paisagem e os lugares de maior circulação são os preferidos dos artistas. A técnica existe desde o Império Romano, quando era chamada de grafito (inscrição feita na parede)

CENTRO-OESTE (CAMPO GRANDE)

FAVELA SÓ POR DEUS

Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, já foi conhecida como “capital sem favelas”. A afirmação marqueteira repetida por políticos é desmentida na realidade. A comunidade Só por Deus, por exemplo, estampa arte a céu aberto em casas improvisadas feitas de pedaços de tapume e telhas de zinco. Na foto abaixo, família de moradores posa junto ao lambe-lambe de Leonardo Mareco sobre a pandemia: “aqui o isolamento social sempre existiu”.



Fotos Divulgação

OUTRAS PARADAS



Escola Municipal Paulo Coelho Machado.

A intervenção de lambe-lambe teve a participação dos próprios alunos, em iniciativa do projeto Campão Cultural



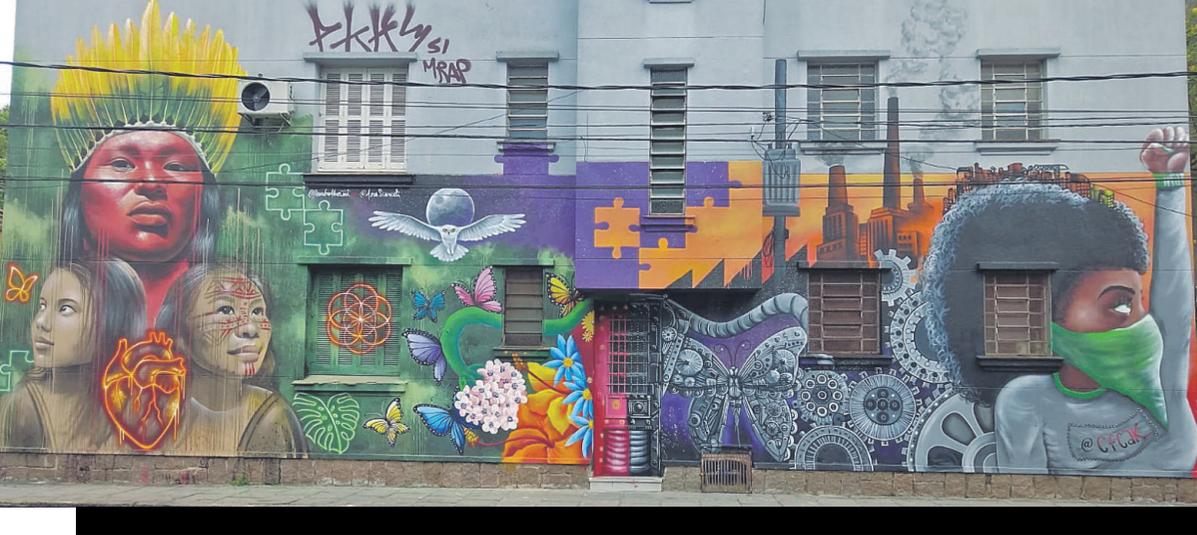
Escola Estadual José Abrão.

A autoria é de Pedro Vasciaveo e Leo Mareco. “A arte fala mais do que palavras, a pessoa pode ver a arte e interpretar de outras formas”, diz Mareco



Vila Nasser e Santa Luzia.

O muro desta casa foi pintado por Mariana Grolli. A artista busca espaços de porta em porta, até que o morador aceite. “A maioria dos grafites faço no rolê, na sensibilidade da hora”. Seu trabalho é reconhecido por personagens estilizados, pela desproporção e assimetria



Fotos Divulgação/Mural de Ana Scarceli

SUL (PORTO ALEGRE)

ANA SCARCELI

Para Ana Scarceli, muralista nas periferias da capital no Rio Grande do Sul, o trabalho fala com a população, sem barreiras, e tem efeito curativo. “Vejo isso no sorriso das crianças quando as cores começam a surgir”, diz. O primeiro contato da artista com a intervenção urbana foi no pixo, em protestos da cena punk. “Com incentivo de meu companheiro e de muitos amigos da rua, comecei a fazer grafite e o muralismo veio dar visibilidade a causas importantes.” Os temas que mais aparecem nos murais individuais e coletivos de Ana são natureza, causas ambientais, combate a preconceito e feminicídio e a luta pelos direitos das mulheres.

OUTRAS PARADAS



Allan Vieira. Criado na Vila Jardim, o artista e decorador também dá oficinas em comunidades. “Interagir com os moradores é apresentar para muitos a arte que vem da periferia”. Na foto, grafite no Morro Santa Tereza



Erick Citron. Mora no Partenon, zona leste de Porto Alegre, e atua na Cidade Baixa. “A arte pode falar de sua cultura, seu dia a dia, sua religião, do que quiser”, diz. “Pode incentivar jovens a se inserir na carreira de artista”



Lisiane da Silva. Mais conhecida como Lisi, a artista visual trabalha com arte em camisetas, telas e murais. “Sinto como se fosse meu grito mais potente. (...) Acredito que toda arte é política. As paredes falam o que a gente sente”



Felipe Reis. Já trabalhou como arte educador no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, e hoje faz grafite comercial e artístico na zona norte de POA. Para Felipe, a “educação através do grafite é um dos maiores transformadores sociais do planeta”

Esta reportagem tem a colaboração de Andressa Marques (Porto Alegre); Carla Costa e Cássio Miranda (Periferia em Foco); Eduarda Nunes (Favela em Pauta); Ethieny Karen (Campo Grande); Felipe Migliani (PerifaConnection); Julia Santiago (Embarque no Direito) e Lucas Veloso (São Paulo)

Saiba mais Artes visuais e periferia têm tudo a ver

Lucas Veloso

Sabe aquela menina com dreads desenhada nos muros, as letras garrafais na lateral de um prédio, o cartaz colado no poste? Formas de expressão assim, artísticas e políticas, constituem o que a gente conhece como arte urbana, que tem tudo a ver com as periferias, as favelas, as comunidades. São Paulo, por exemplo, começou a ganhar o colorido dos grafites nos anos 1980. Hoje dá para chamar muitas regiões de galerias a céu aberto.

A geógrafa Jamila Reis Gomes, mestranda em pesquisa sobre a relação entre Geografia, Arte e Espaço Público na Universidade Federal da Bahia, explica que no Brasil a pichação surgiu em 1965, na ditadura militar. Isso vai ao encontro do que diz o artista Cripta, no doc *PIXO*, de 2009: “Essa arte surge sempre como ato de resistência dos silenciados”.

A busca por visibilidade, conta Jamila, marcou a juventude dos anos 70, quando os primeiros pixadores e grafiteiros bombardearam com arte os trens novaiorquinos, rompendo limites geográficos e fronteiras sociais. Foi uma válvula de escape para a violência e a criminalidade, sobretudo entre a população afrodescendente e latina. “A cultura de rua vem dos guetos. É radicalidade, a vontade de transformação, a complexidade da vida jovem de favela”, diz Jamile.

A pesquisadora vê nos artistas das periferias, entre fissuras e brechas, a luta por direitos e reconhecimento. “São formas de representar vivências, bairros e atribuir outros sentidos a esses lugares. É a construção de narrativas através da arte.”

Pixação: normalmente vista como vandalismo, sem valor artístico, é geralmente feita com tinta em spray ou rolo. No Brasil, a atividade é considerada crime

Grafite: desenho pintado ou gravado sobre um suporte que não é normalmente previsto para esta finalidade, como fachada, muro e asfalto

Stencil: usa molde vazado ou máscara para aplicar um desenho em qualquer superfície. Pode ser papel, plástico ou metal. É uma forma popular do grafite

Lambe-lambe: usa cartazes e pôsteres na intervenção urbana com objetivos que vão do protesto à divulgação de poesia. A cola mais usada é à base de água, farinha de trigo e vinagre

Stickers: podem ser impressos em vinil ou lambe-lambe. Fazem parte da manifestação da arte pós-moderna popularizada na década de 1990 por grupos urbanos ligados à cultura alternativa

Sampa acessível a todas as famílias

Sem saber aonde ir com as crianças no período de recesso escolar? Confira nossa agenda cultural e ao ar livre, com atrações gratuitas, para ir a pé, de bike, de transporte público ou carro por aplicativo

Janeiro é o mês ideal para curtir a cidade de São Paulo, que tem opções para todos os gostos: locais para caminhar, pedalar, brincar nos parquinhos e aproveitar a programação cultural, com temas de interesses diversos. As Fábricas de Cultura (<https://www.fabricasdecultura.org.br/>), por exemplo, com unidades na Brasilândia, Capão Redondo, Diadema, Jaçanã, Jardim São Luís e Vila Nova Cachoeirinha, terão oficinas de férias presenciais (na aba programação).

Para viver a cidade sem a correria, o melhor é ir a pé, de bike, de transporte público. Para aproveitar mais de um passeio no mesmo dia, ou ir e voltar com mais conforto e rapidez, o carro por aplicativo cumpre essa função. A 99, empresa de mobilidade urbana e tecnologia, por exemplo, conta com o 99Comfort (categoria com carros mais espaçosos e motoristas mais bem avaliados) e o 99Compartilha (opção segura para o passageiro dividir a corrida com outro usuário, com até 50% de economia no valor do trajeto em comparação com a categoria 99Pop).

Além disso, a empresa disponibiliza a 99Pay – carteira digital na qual o usuário adiciona saldo a partir de R\$ 10, por meio de cartão de crédito ou débito – e pode pagar as corridas e comida com descontos, quitar contas e boletos, recarregar celular e até investir sem qualquer taxa. Agora, só falta agendar sua próxima parada!



Em todas as regiões, a capital paulista conta com uma variada programação gratuita para as férias da família, que vão de parques a equipamentos de cultura

Contato com a natureza

Parques públicos são sempre boas opções. Na **zona leste**, o passeio ao **Parque do Carmo**, no bairro de Itaquera, fica aberto todos os dias, das 5h30 às 20h, e tem diversos playgrounds, equipamentos de ginástica, áreas para piquenique e de mata preservada, com eucaliptos, árvores frutíferas e espaço de sobra para as crianças gastarem

energia. O planetário do Parque do Carmo também foi reformado para se transformar em um dos mais modernos espaços dedicados à astronomia no mundo.

Na **zona norte**, a boa alternativa é o **Parque Estadual Alberto Löfgren**, ou **Horto Florestal**, santuário natural aberto das 5h às 18h que abriga diversas espécies animais e vegetais em extinção. O **Parque da Juventude**, além da ampla área verde, possui espaços para shows, eventos, práticas esportivas, lazer e a **Biblioteca de São Paulo**, com acervo físico de mais de 42 mil títulos.

Próximo à Represa Billings, na **zona sul**, o **Parque Shangrilá**, no

Grajaú, faz parte do Programa de incentivo permanente à arborização e fica dentro da Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia. Aberto das 6h às 18h, possui playground, quadra de areia, área de estar com mesas, viveiro, nascentes e horta, sendo uma excelente pedida para atividades de educação ambiental e trilhas monitoradas.

Na região **centro-oeste** da capital, o **Parque da Aclimação**, no bairro de mesmo nome, abre todos os dias das 6h às 20h para que os visitantes curtam o lago, jardim japonês com espelho d'água, aparelhos de ginástica, pista de caminhada, corrida e para andar de bicicleta,

Para acessar outros conteúdos, aponte a câmera do celular para este QR Code:



playgrounds infantis, espaço para piquenique, campo de futebol, além da **Biblioteca Temática de Meio Ambiente Raul Bopp**, equipamento pertencente à Secretaria Municipal da Cultura.

Saiba mais sobre eles e conheça outros em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/index.php?p=293889.

Mostras e exposições

Localizado na **região central**, o Centro Cultural São Paulo, no bairro da Liberdade, exhibe filmes, espetáculos teatrais, de dança e de música, exposições e oficinas para pessoas de todas as idades. Tem diversas bibliotecas, com destaque para a **Gibiteca Henfil** — acervo de HQ com mais de 10 mil títulos, entre álbuns de quadrinhos, gibis, periódicos e outros —, e a **Biblioteca Pública Municipal Louis Braille**, planejada e equipada para atender pessoas com deficiência visual, com cerca de 5 mil títulos, entre livros em braille e audiolivros, além de computadores e scanners com programas específicos para a acessibilidade. Para ver a programação atualizada, acesse: <http://centrocultural.sp.gov.br/>.

Muito além do centro

O Museu da Cidade de São Paulo (<https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/visite/>), possui uma rede de 14 casas históricas, construídas entre os séculos 17 ao 20 e **distribuídas em várias regiões da cidade** que representam remanescentes da ocupação da área rural e urbana. A **Exposição Memória da Resistência**, até 24 de abril, aborda temas que contemplam os caminhos abertos para as manifestações identitárias dos povos originários, dos negros, das mulheres, da comunidade LGBTQIA+ e para a defesa dos direitos ambientais. Na Casa da Imagem: Rua Roberto Simonsen, 136B – Sé – São Paulo – SP.



99 99PAY

99PAY, a carteira digital que fica dentro do seu app 99!

Seu saldo lucra 220% do CDI*, a maior lucratividade entre as carteiras digitais.



Descontos e cashbacks em boletos, recargas de celular e corridas 99.



Receba ou pague seus amigos por PIX ou TED.



Faça pagamentos com o Assistente Virtual da 99Pay no WhatsApp.

**ACESSE A 99PAY
NA ABA DO
SEU APP 99
E APROVEITE!**

**Limitado ao valor de R\$5.000,00 (cinco mil reais). Saldos acima de R\$5mil não são elegíveis a bonificação de lucratividade. Confira o regulamento completo.*

Robinho Santana. 'Se você fizer uma relação de onde vim e a educação que tive na escola, eu estar aqui é muito significativo'

**MARCOS FURTADO,
PERIFACONNECTION**

O artista Robinho Santana atendeu a videochamada da reportagem quando pintava a figura do rapper Eneas Enézimo em uma parede de sete metros de altura no Sesc Santo André, região metropolitana de São Paulo. Enézimo, referência do hip-hop, morreu de covid-19 em 2020 aos 46 anos.

Para Robinho, não foi fácil chegar alto. Cria do bairro de Jardim Ruyce, em Diadema, ele é filho de Josefa Santana, conselheira tutelar, e Vicentinho da Silva, ex-metalúrgico e atual deputado federal pelo PT. "Se você fizer uma relação de onde vim e a educação que tive na escola, eu estar aqui é muito significativo", diz. "Somos resistência, porque viver de arte no Brasil é algo que não foi mostrado para a gente."

Antes de subir no andaime do Sesc, muita coisa aconteceu. Ele se formou em design, fez tirinhas para jornal, peças de publicidade... e viu sua arte crítica e periférica ser desrespeitada: "Teve casos de propor ilustração com personagens negros, mas alguém trocava por brancos. Às vezes, sem explicação", conta.

Em Belo Horizonte, com a contribuição de artistas locais, fez a empena grafitada *Deus é Mãe*, que homenageia as mães pretas do País em dois mil me-



Divulgação/Acervo do artista

Yago Gonçalves/Divulgação

ARTE URBANA

APRESENTA E REPRESENTA

Robinho Santana usa a pintura na luta contra o racismo

tros quadrados. O trabalho chegou a ser investigado como crime ambiental. O inquérito foi arquivado, mas ficou a marca do preconceito.

Recentemente, a Fábrica de Cultura de Diadema recebeu o

grafite de um jovem negro com camisa cobrindo o rosto, um chapéu de formatura na cabeça e segurando um diploma. "Voltar pra lá e fazer um trabalho gigantesco é olhar e ressignificar meu passado", diz Robinho.

Leia as reportagens de arte urbana e veja galerias de foto em expressonaperifa.com.br

Veja também
'Jesus Pretinho' e outras intervenções de Alberto Pereira no Rio de Janeiro

O carioca e morador de Niterói Alberto Pereira faz lambe-lambe com pegada crítica e social. A peça *Jesus Pretinho* (2017) traz uma releitura da representação cristã da Virgem Maria e de Jesus Cristo ainda bebê. "[A obra] Partiu de estudos que eu já vinha fazendo e das narrativas comuns ao meu trabalho, dessa brincadeira de inverter lógicas e signos impostos na sociedade desigual", diz Alberto. E continua: "Talvez replicar isso pelas ruas e pelas redes tenha ampliado a minha visão e a de quem era atravessado por essa imagem. Gosto de ressignificar, questionar e criar imagens que nunca vi. Tem gente que sampleia sons, eu faço isso com imagens – e muitas vezes textos – em várias camadas." (*Fábia Souza, PerifaConnection*)